



## Histórias de vida e o Vera

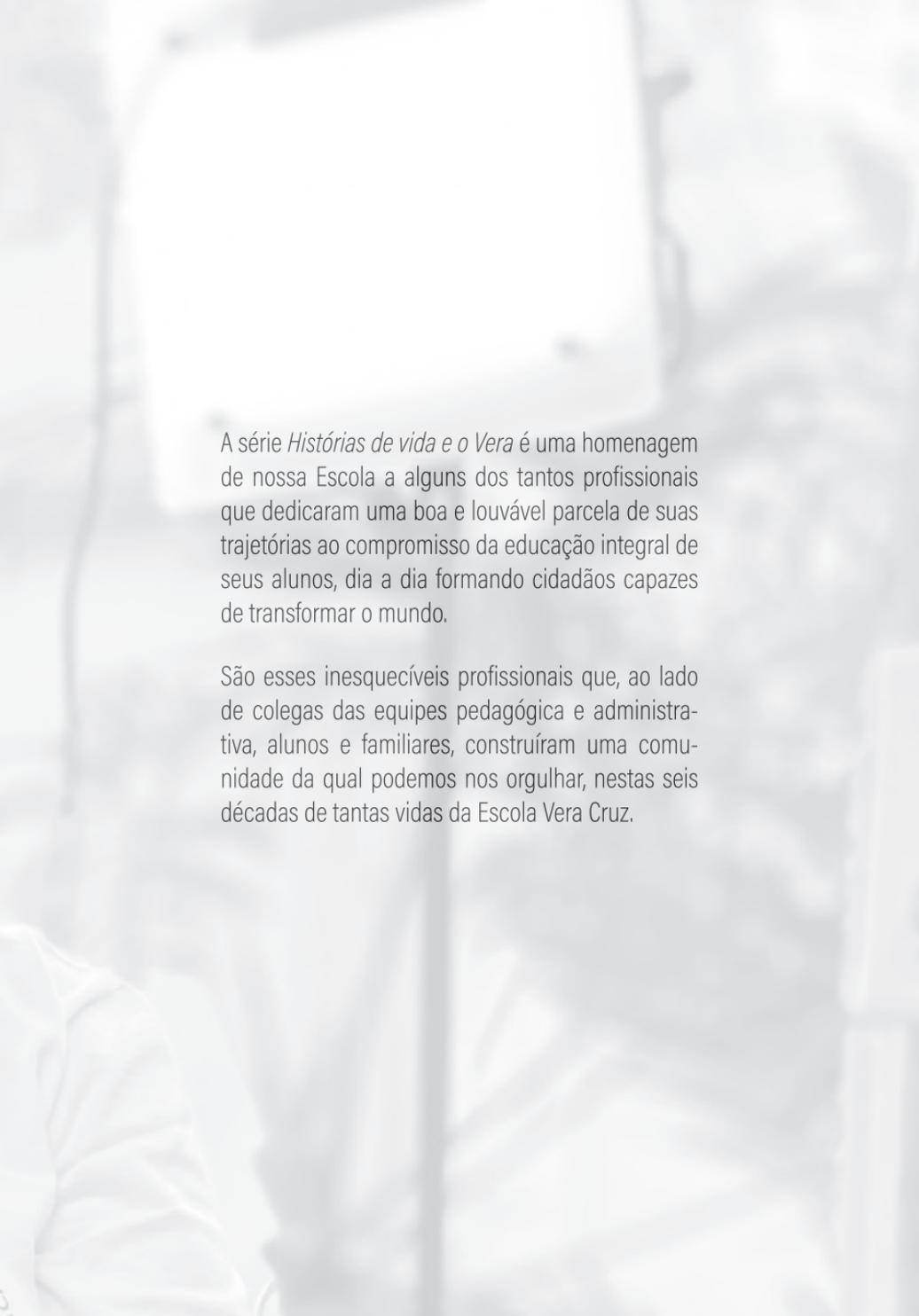
O sorriso no rosto  
como exemplo de vida



Joselita dos Santos (Lita)

Atendente de alunos





A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti** (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

**Priscila Pires** (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro** (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

**André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Lita começou a trabalhar no Vera em 1993.  
Ela se despede da Escola no final de 2021.

# O sorriso no rosto como exemplo de vida

## Chegada no Vera

Antes do Vera, trabalhei em casa de família. Fui criada praticamente na casa da família em que eu trabalhava. Quando eu vim aqui pra São Paulo, vim pra casa da minha irmã, que tinha trabalhado com a irmã da dona Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora], dona Carmen. Ela precisava de alguém e eu acabei indo pra casa dela. Fiquei na casa dela 2 anos e 11 meses. Saí de lá de manhã e entrei aqui de tarde.

Em 1992, entrei pela primeira vez no Vera. Fiquei um período, aí terminou esse período, saí em outubro, e aí fui chamada novamente, em janeiro. E comecei em fevereiro de 1993. Até agora! Uma jornada! Dá uma boa caminhada no Vera Cruz.

Vim primeiro pra cobrir uma licença na limpeza. Quando voltei, foi pra ficar na copa. Fiquei na copa um período, depois fui caminhando por vários setores. Tinha cantina nessa época na Escola. Então, eu preparava os lanches, os sucos, essas coisas, fazia os pratos de almoço em dia de reunião na Direção, para dona Yolanda e todo mundo. Então, montava a salada com filé de frango,

fazia a salada, o hambúrguer. Fiquei um tempo, depois saí pra sala de aula. Fiquei bastante tempo. Fazia as salas, depois fazia a saída das peruas, depois passei a fazer a saída lá da frente, onde tô até hoje. Fazia de manhã, no recreio, e depois comecei a frequentar a praça também. Foi cada período num lugar. Depois saí da sala de aula e assumi a saída e a chegada dos alunos.

## Fazendo as festas

Quando começamos a fazer a Festa Junina do nível 3, Elza me deu a receita de munguzá (canjica, aqui em São Paulo). Eu treinei, e foi aí que a gente começou a fazer a canjica do Vera Cruz e o quentão, fazia aquele famoso quentão. Tinha pai que só vinha aqui pra tomar esse quentão.

Na última Festa Junina online, cozinhei um tacho, pra ensinar. Eu fazia três tachos daqueles pra Festa Junina aqui do nível 3, e mais dois caldeirões grandes de quentão — na época que podia fazer quentão. Aí, agora não faço mais, né [risos], não tem mais as festas. Por enquanto, se Deus quiser.

E as brincadeiras do Toshiaki [Tateyama, ex-coordenador de Esportes]. Esses dois anos fizeram falta. É uma brincadeira gostosa [risos]. A gente sempre se mete e participa das can-

torias, das brincadeiras que ele faz. É divertido, é bom. Foram momentos bons que eu tenho aqui guardados [risos]. Muitas passagens, a reforma da praça... Fizemos uns mosaicos. Um tempo atrás, tinha falado que precisava retomar aquilo ali pra repor os que já desgastaram.

## Educatória e cuidadora

Acho que a gente faz parte de uma equipe; cada um ensina do seu jeito e acaba a gente se envolvendo também com tudo isso, com cada criança que vem procurar a gente num momento em que precisa de uma palavra, de um carinho, de uma atenção. A gente dá e acaba se envolvendo, me sinto uma cuidadora. Uma educadora, não sei se faz parte também, mas eu me sinto uma acolhedora nesse momento de cada um que precisa de uma palavra ou de um carinho.

Fui uma vez pra sala de aula, da vez que eles fizeram uma biografia, que queriam que contasse a minha história de trabalho antes de entrar no Vera. Eles fizeram um trabalho legal, do 5º ano. Me emocionou bastante, me fez lembrar de coisas sofridas lá atrás. Na sala também passei algumas vezes pra explicar algumas coisas de limpeza, porque riscavam muito as mesas, sujavam muito as paredes. Então, a gente entrava de vez em quando. Um pro-

fessor chamava a gente pra explicar o que era a limpeza, quem fazia a limpeza. Um ficou emocionado: "Ah, mas eu não sabia que era a Litinha que limpava". Aí eu falei pra ele: "Mas não é porque a Litinha limpa, porque as colegas da Litinha também limpam. Nesse limpar, vocês aumentam a carga horária, e não só do meu trabalho, mas o de todo mundo". "Ai, Litinha, eu juro que nunca mais a gente vai pichar as mesas!" [risos]. Então ele se emocionou porque a Litinha limpava. "Não, não sou eu, é a equipe inteira." A gente tinha esse contato com os professores, que nos chamavam pra explicar o que era a limpeza, o que é desperdício de coisas, mas era legal, bem emocionante.

## Um repertório de histórias

Não guardo todos os nomes e sobrenomes, mas muito mais a fisionomia. Um dia desses passou um ex-aluno, mesmo com máscara e tudo, e ele ficou admirado por eu me lembrar dele. Aí, ele falou: "Você não lembra o meu nome? Eu era muito danado". Aí, eu falei: "Você não é o João?". Aí, ele ficou emocionado, porque eu me lembrei do nome dele; era magrinho, tava sempre subindo em alguma coisa e eu sempre atrás dele, porque ele jogava o tênis, subia na árvore. Esses assim a gente acaba marcando mais, né? Mas foi uma trajetória boa e gostosa, tudo isso. Outro dia, encontrei um andando na praia. "Esse é meu aluno

do Vera Cruz, aqui na praia." Aí, me abraçou na época — foi antes da pandemia [risos]. Podia abraçar, né? E, às vezes, num lugar, distraída, quando vejo, encontro algum.

Ave Maria, no Vera são muitas, muitas histórias, né? Tem muitas histórias, Ave Maria, tem muita coisa que a gente tem que levar com muito carinho. A emoção de uma mãe: uma vez teve uma pessoa na praça, a gente cuidando do recreio, eu chamava a atenção dos meninos que não podiam dar volta e tal, e ela só observando. Aí, antes do final, ela perguntou meu nome. Que bom que eu tava ali naquele momento, porque ela tava observando se ela podia confiar em colocar o filho na Escola. Eu falei: "Que bom, a senhora gostou?"; e ela falou: "Já vou fazer a matrícula, adorei, vocês cuidam muito bem.". Então, naquele momento, participei um pouco dessa vinda dessa criança [risos]. É emocionante: muitos que agradecem, que chegam e falam que eu era o olho deles, porque eles nunca imaginavam os filhos soltos ali na praça e viam que o carinho que eu tinha por eles era muito bom e se sentiam confiantes. Então, me agradeciam: "Muito obrigado por você ser meus olhos." Então, isso tudo é emocionante.

É uma emoção. Por exemplo, um dia, uma menina saiu, eu tava no horário do meu almoço. Ficava muito na praça e eu vi que tinha um moço na frente dela e ela presa na parede, ali, da rua

da Nova Gomes. E de onde eu tava vi que não era a pessoa que pegava ela, quem pegava ela era a mãe. Aí, eu fui e vi que ela tava já a ponto, não sei, de chorar, tava tensa. Aí, eu cheguei e falei: "O que aconteceu?". O moço saiu correndo. Aí, ela desabou a chorar. Chorava, chorava muito. Aí, eu segurei ela, abracei, acalmei. Ele entrou correndo num carro que tava na esquina, atravessou o farol e saiu com tudo. Aí, eu trouxe a menina pra Escola, chamei a orientadora, que ligou e chamou a mãe, o pai. Então, a menina ficou um bom tempo assustada. A mãe era muito grata. Ela falou que eu não tinha a obrigação, mas no momento que eu vi que era um aluno do Vera Cruz, então... A mãe depois me fez uma telha, um prato lindo de telha, de agradecimento.

E se ele puxa ela naquela hora? Quem ia saber? Ela tava numa rua mais ou menos... São algumas histórias, mas tem outras coisas boas, também [risos]. Muito emocionante tudo isso, viver tudo isso, muito gostoso de levar.

## Sem abraço nem beijo

Na pandemia, fiquei um tempo parada, essa coisa que a gente não conhecia, esse desconhecido. Foi chocante, né? Uma coisa, um medo, a gente não sabia o que fazer, nem pra onde ir e nem pra lugar nenhum. Então, tive esse medo um pouco.

Nessa época eu tava morando sozinha, sempre morei sozinha, e aqui eu tinha uma escola inteira me abraçando o dia inteiro, beijando o dia inteiro. Aí, de repente, eu me vi sozinha, dentro de um apartamento, não vai no mercado, não vai na padaria, não vai, não fala, não pega. Fiquei meio desorientada. Fiquei bem... esquisita, meio mal, mas depois, conversando com uma ex-professora, ela foi me acalmando.

Fiquei em casa de quatro a cinco meses, sem fazer nada. Como eu tenho pressão alta, então não saio na rua, não fico sem máscara, não, lavo a mão, deixa que o mercado entrega, peço umas coisas. Esse aprender a que a gente foi obrigado foi bem estressante. "Não sai, Lita, pelo amor de Deus, tá com gripe" [risos].

Aí, foi voltando, a gente vinha com todos os cuidados. No começo você fica tensa, "como que vai ser tudo isso?"; mas, graças a Deus, tenho o lado da alegria e não deixei depressão, nem mau humor, nem nada me atrapalhar. Se é pra ir, vamos, mas com todos os cuidados; aos poucos, fomos vencendo tudo isso. Então, acho que todos nós somos vencedores dessa batalha doida que jogaram na gente.

Os alunos, na volta, o medo que eles tinham mais era porque eles eram muito de pegar, de abraçar... Então, muitas vezes, quando vi-

nham, "não pode" [risos]. Às vezes, disfarçadamente, um passava assim com o braço, dava aquele agarrão rápido e saía. A partir de dezembro, duas alunas da tarde já falaram que eu poderia até tomar um remédio pra dor no corpo, porque elas iam quebrar meus ossos! [risos]. Não sei se em dezembro a gente vai ter essa chance.

## De volta à Bahia

Ainda não sei o que vou fazer quando sair, falei que primeiro eu ia ter o gostinho de dar uma descansada. Já falei com minha irmã que vou passar o Natal com eles lá na Bahia, coisa que faz tempo que não dá para fazer, passar o Natal com eles lá. E depois de janeiro vou acalmar, refletir e aí eu vou ver o que é que eu faço, mas primeiro eu vou ter esse gostinho de dar uma descansada.

Mas acho que trabalhar assim, fixo, acho que não. Consegui me aposentar com meus 55 anos. Nasci na roça, e nascer na roça é nascer trabalhando. Semeando feijão, milho, plantando, colhendo. Então, acho que Deus me deu essa graça agora, e vou ter o gostinho de desacelerar um pouco, aí depois eu vejo. Eu gosto de fazer doce, cocadas, vai ter uns projetos, quem sabe? Projeto Doce!

Pra não ficar parada, né? Essa coisa de ficar a vida toda parada acho que não existe, não.

Tenho três irmãos que moram aqui, tenho a minha filha, que é casada e mora em Jandira com minhas netas, duas tchutchucas, e tenho meus irmãos lá na Bahia. Também acho que vou curtir um pouco a turma de lá.

Minha cidade é Santo Antônio de Jesus. Eu acho que dá 180 km, mais ou menos, de Salvador. Lado gostoso da praia, Itaparica. Falo que a Bahia tá inteira me esperando pra eu ir a lugares que eu não tive tempo de conhecer. Quem sabe, daqui pra frente.

## A tristeza sem chance

Este ano tá bom de fazer, é um encerramento legal, cheio de recordações e lembranças.

Meu medo era o de que não vazasse pra eles e nem pros pais minha saída. Na semana passada, retrasada, na atividade do 3º ano, falei com uma mãe, mãe antiga, que vou sair de férias, não que vou sair do Vera. Vou sair de férias. Eu não quero entrar na parte da emoção. Aí, uma mãe falou assim: "Litinha, você não sabe, eu chego nessa escola e vejo seu sorriso, e não quero imaginar um dia chegar aqui e não te encontrar nesse portão". Aí, eu desabei, eu falei que eu não queria entrar nesse lado da emoção. Então, é uma coisa que eu sei que eu vou sentir muito. Tomara que eles não saibam antes de eu sair daqui, porque vai me derrubar [risos].

Se despedir é importante, mas para as crianças que estão esperando esse abraço, essa coisa, acho que falar pra eles, por enquanto, acho que não vai ser bom, não. Melhor deixar isso [risos]. Não sei como vai ser a despedida, nem falei com o Daniel [Helene, coordenador] ainda sobre isso, nem com a Débora [Rana, coordenadora], de como que vai ser essa coisa de chegar no portão e a Litinha não estar lá... Acho que é bom ver o que vai acontecer, né?

Mas vou levar muita coisa boa daqui, sou muito grata à Escola, né? Cheguei aqui com 26 anos, sem saber nada de escola. De você errar, de aprender, assumir que errou. De errarem com você também. Mas sou grata demais, né? Quase 30 anos, praticamente, então é uma vida. Você tem que agradecer e ser grata por estar aqui, grata à oportunidade que me deram. E levar só coisa boa, as coisas ruins eu já joguei fora faz tempo [risos]. Não me deixar abater e nem machucar. Desde que você não se machuque e nem seja machucada, vamos tocar o barco!

Quero finalizar também com esse barco balançando de alegria, de felicidade, né? Muitos alunos que já saíram, que estão aqui na Escola com filhos! Ave Maria! Um dia desses, chegou uma aí e falou: "Tia Litinha, você tem que finalizar com ele, igual fez comigo!". Falei: "Ih, nem vou falar pra ela essa parte". Não vou acompanhar mais, né? Tem muitos ex-alunos aí, mas tá bom já de deixar o

novo barco pra quem chegar fazer a sua história. Tô finalizando aqui feliz, é muito bom, imagina. É gostoso tudo isso [risos].

Teve muita gente, muita passagem de professores, orientadores, nesses 28 anos. É uma carga de lembranças, muitas passagens, muitas coisas boas, muitas alegrias.

Tinha uma história de que os funcionários que chegam no Vera têm um pé de árvore, lá na frente, onde a gente deixa os nossos problemas de casa, e, na saída, você deixa os problemas do Vera, pega os seus e vai pra casa. Porque aí não se machuca, não se mistura. Então eu aprendi assim, a não misturar. Tanto que uma mãe uma vez queria saber o que eu fazia pra estar sempre com um sorriso e se eu não tinha problema, sofrimento. Eu falei: "Tenho!". Se a senhora quiser saber, faço uma lista enorme. Só que não vem ao caso eu trazer os meus de lá pra largar aqui, em quem não tem nada a ver com isso. As pessoas não têm que passar pros pais, nem pros alunos, nem pros chefes, que lá fora tem uma carga que as deixa tristes. E nem daqui tenho que levar pra lá. "Mas Litinha, você tá sempre sorrindo." Falei: "Isso vem da minha mãe, é herança de família, então não dá pra trocar". Aí, ela ficou feliz: "Ah, quero aprender com você". Então, sempre que ela vinha buscar o filho ou trazer alguém, ela falava que queria aprender comigo. Falei: "Olha, é só pôr um sorriso no rosto e deixar o resto tocar que a senhora nem vai perceber que tem

problema pra resolver". Não sei se um dia ela aprendeu, deve ter aprendido. Ela não voltou pra me falar! [risos].

Então, espero que não decepcione as pessoas que vão chegar aí e não vão encontrar mais "a Sorriso" lá fora, na portaria. Agora que eu fico mais um pouco pra dentro, porque antes eu ficava o tempo todo lá na frente, mas a parte dos alunos, na chegada e saída, vou passar adiante [risos]. Quem sabe? Mas a gente se encontra, sabe? Todo mundo hoje tem Face, Instagram, Zap. Encontro todo mundo. Aí, vou contando as novidades.

Espero deixar histórias boas, sim, espero. Que vou levar comigo sempre. Cada história, cada conto. As histórias, os relatos, os abraços, os carinhos, essa coisa é o que faz bem e é o que a gente leva com a gente. Tristeza, não, eu não gosto, prefiro sorriso. Sorriso é melhor.

Que bom esse papo. Ai, Jesus!

Depoimento concedido em 13 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

